

Tipo do Artigo (Revisão)

O Elo entre o Azul e o Amarelo: uma Leitura Gestáltica do Encontro a partir do Haikai de Paulo Leminski e da Relação Eu-Tu Buberiana

Rogério Ferreira Gonçalves^{1*}.

¹ Centro Universitário Evangélico de Goianésia (UNIEGO).

* Autor correspondente: rogerio.goncalves@docente.uniego.edu.br Telefone: 55 (62)984642280.

Resumo

Este ensaio teórico propõe uma articulação entre a poética condensada do haikai de Paulo Leminski, "Amar é um elo entre o azul e o amarelo", e os fundamentos epistemológicos da Gestalt-terapia, particularmente a teoria do contato e o conceito buberiano de relação Eu-Tu. Parte-se da premissa de que a metáfora cromática leminskiana, ao sugerir a fusão de duas cores primárias distintas na composição de uma terceira tonalidade, ilustra de modo condensado o fenômeno relacional descrito pela fronteira de contato gestáltica, na qual duas subjetividades, ao se encontrarem autenticamente, engendram uma configuração emergente que transcende a soma das partes. O objetivo do estudo foi examinar, por meio de análise teórica interpretativa, de que modo a metáfora leminskiana ilustra e é iluminada pelos conceitos gestálticos de fronteira de contato, campo organismo-meio e relação dialógica. A discussão fundamenta-se em autores fundadores e em pesquisadores brasileiros da Gestalt-terapia. Conclui-se que a leitura gestáltica do haikai reafirma o caráter co-criativo, ético e estético do fenômeno amoroso enquanto experiência de contato, compreendido como evento de campo irredutível às individualidades que o compõem.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; teoria do contato; relação Eu-Tu; Paulo Leminski; psicologia fenomenológica-existencial.

1. INTRODUÇÃO

A produção poética de Paulo Leminski caracteriza-se pela síntese radical, herança direta da tradição haikai japonesa incorporada à sensibilidade brasileira (Leminski, 1983). No haikai "Amar é um elo entre o azul e o amarelo", o poeta condensa, em três versos, uma proposição ontológica sobre o fenômeno amoroso: o amor não é descrito como fusão indiferenciada nem como simples justaposição de duas entidades, mas como elo, isto é, como articulação que une sem dissolver as diferenças constitutivas. Do ponto de vista cromático, azul e amarelo são cores primárias que, combinadas, originam o verde, uma terceira cor irredutível a qualquer dos componentes originais, embora deles dependente.

Esta imagem guarda notável correspondência estrutural com dois pilares teóricos centrais ao pensamento fenomenológico-existencial na psicologia: a teoria do contato, formulada por Perls, Hefferline e Goodman (1997) como fundamento epistemológico da Gestalt-terapia, e o conceito de relação Eu-Tu, desenvolvido por Buber (1974) em sua filosofia dialógica. Ambos os construtos compartilham a premissa de que o encontro autêntico entre duas subjetividades produz um fenômeno relacional novo, um terceiro que não preexiste ao encontro e que não pode ser reduzido à soma das individualidades envolvidas.

O objetivo deste artigo foi examinar, por meio de análise teórica interpretativa, de que modo a metáfora leminskiana ilustra e é iluminada pelos conceitos gestálticos de fronteira de contato, campo organismo-meio e relação dialógica, articulando essa discussão à produção de autores brasileiros que consolidaram a Gestalt-terapia como campo teórico-clínico no Brasil.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de ensaio teórico-interpretativo, modalidade reconhecida na produção científica em psicologia e humanidades para a articulação crítica entre objetos culturais e corpos teóricos consolidados (Severino, 2007). O método consistiu em: (a) análise semântico-estrutural do haikai de Leminski; (b) revisão conceitual dos fundamentos da teoria do contato em Perls, Hefferline e Goodman (1997) e de sua recepção crítica na literatura gestáltica brasileira; (c) revisão do conceito buberiano de relação Eu-Tu em sua obra *Eu e Tu* (Buber, 1974); (d) articulação interpretativa entre os três eixos, buscando convergências estruturais e não meras analogias ilustrativas.

Não foram utilizados dados envolvendo seres humanos ou animais, tampouco ferramentas de inteligência artificial generativa para geração ou interpretação de dados, dispensando-se, portanto, aprovação de comitê de ética e declaração correspondente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O haikai como condensação fenomenológica

O haikai, gênero que privilegia a apreensão instantânea de um estado de coisas por meio da economia verbal extrema, opera de modo estruturalmente análogo ao *awareness* gestáltico: ambos buscam capturar a experiência no aqui-e-agora, sem mediação excessiva de elaborações conceituais (Ribeiro, 2007). Ao definir o amor como elo, Leminski evita tanto a metáfora da fusão, que dissolveria as diferenças, quanto a da simples coexistência, que manteria as entidades separadas. O elo pressupõe dois polos que permanecem distintos, mas que, na articulação entre si, produzem algo qualitativamente novo, o que remete diretamente à noção gestáltica de figura emergente sobre um fundo relacional (Perls, Hefferline & Goodman, 1997).

3.2 A teoria do contato e a fronteira criativa

Para a Gestalt-terapia, o contato não é evento acessório da existência, mas sua condição fundante: é na fronteira de contato, espaço psicológico onde organismo e ambiente, ou, no caso interpessoal, um sujeito e outro, se encontram, que a experiência se organiza e adquire sentido (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). Yontef (1998), em obra amplamente incorporada à formação de terapeutas gestálticos brasileiros, descreve essa fronteira como criativa, justamente porque nela emergem configurações inexistentes antes do encontro.

Aplicada ao haikai, essa noção sugere que azul e amarelo, tomados isoladamente, correspondem às subjetividades autônomas dos parceiros amorosos, ao passo que o elo, e sua consequência cromática implícita, o verde, corresponde exatamente à fronteira de contato: não uma terceira substância preexistente, mas o produto emergente do encontro efetivo entre as duas primeiras. Frazão e Fukumitsu (2014) reforçam que, na clínica gestáltica brasileira, esse fenômeno é compreendido como a própria matéria-prima da experiência relacional, sendo o contato, e não os indivíduos isolados, a unidade mínima de análise psicológica.

3.3 A relação Eu-Tu e o terceiro ente relacional

Buber (1974) distingue a relação Eu-Isso, na qual o outro é tomado como objeto de conhecimento ou utilidade, da relação Eu-Tu, encontro pleno e reciprocamente presente entre duas subjetividades, no qual o Tu não pode ser instrumentalizado nem antecipado conceitualmente. Nessa relação, afirma Buber, "o Tu encontra-me pela graça: não é achado por procura" (Buber, 1974, p. 12), sendo justamente no intervalo dialógico, no entre, que a existência humana se realiza.

Este conceito de entre buberiano dialoga diretamente com a fronteira de contato gestáltica e com a imagem do elo leminskiano. O entre buberiano não é propriedade de nenhum dos interlocutores, mas fenômeno relacional que os transcende e os constitui simultaneamente, análogo ao terceiro ente cromático emergente da combinação azul-amarelo. D'Acri, Lima e Orgler (2007) já haviam explicitado, na literatura gestáltica nacional, a proximidade entre a filosofia dialógica de Buber e os pressupostos relacionais da Gestalt-terapia, sublinhando que ambos rejeitam tanto o solipsismo quanto a fusão indiferenciada como modelos válidos de vínculo humano.

3.4 Amor como evento de campo, não como estado de posse

A leitura articulada dos três referenciais permite compreender o haikai não como descrição de um sentimento subjetivo interno, mas como enunciado sobre um evento de campo. Ginger e Ginger (1995), na tradição francófona amplamente recebida pela Gestalt-terapia brasileira, descrevem o campo organismo-meio como unidade indissociável de análise, o que reforça a ideia de que amar, no sentido buberiano-gestáltico, não é posse do outro nem fusão nele, mas participação ativa na coconstrução de um terceiro ente relacional, contínuo e processual, tal como sugerido pela imagem poética do elo entre cores.

4. CONCLUSÕES

A articulação entre o haikai de Paulo Leminski e os fundamentos da Gestalt-terapia revela convergência estrutural significativa entre a linguagem poética condensada e a epistemologia fenomenológico-existencial do contato. O amor, tal como sugerido pela metáfora cromática, não corresponde à fusão indiferenciada de duas subjetividades nem à sua justaposição estática, mas à emergência processual de um terceiro ente relacional, produto da fronteira de contato e do encontro dialógico Eu-Tu. Essa leitura reafirma, à luz da literatura gestáltica brasileira, o caráter co-criativo e ético do fenômeno amoroso, compreendido como evento de campo irreduzível às individualidades que o compõem. Estudos futuros poderão aprofundar essa articulação por meio de análises hermenêuticas de outras produções poéticas brasileiras à luz do arcabouço teórico da Gestalt-terapia.

Declaração de conflito de interesse: Os autores devem declarar a existência ou inexistência de conflitos de interesse de natureza financeira, institucional ou pessoal que possam influenciar a interpretação dos resultados apresentados. Na ausência de conflitos, deve ser incluída uma declaração explícita informando que não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- Buber, M. (1974). *Eu e Tu* (N. A. von Zuben, Trad.). Cortez & Moraes.
- D'Acri, C., Lima, P. C., & Orgler, S. (2007). *Gestalt-terapia do contato ao vínculo*. Summus.
- Frazão, L. M., & Fukumitsu, K. O. (2014). *Gestalt-terapia: conceitos fundamentais*. Summus.
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). *Gestalt: uma terapia do contato* (M. E. Rusek, Trad.). Summus.
- Leminski, P. (1983). *Caprichos e relaxos*. Brasiliense.
- Perls, F., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (G. J. de F. Teixeira, Trad.). Summus.
- Ribeiro, J. P. (2007). *Gestalt-terapia: o processo grupal* (5. ed.). Summus.
- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23. ed.). Cortez.
- Yontef, G. (1998). *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia* (E. Colombo, Trad.). Summus..